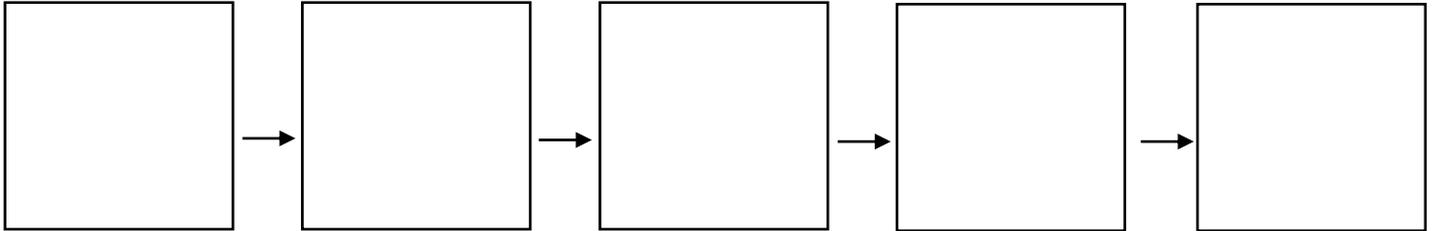


## ETAPAS PARA ELABORAÇÃO DE UM TEXTO



### FUVEST 2024

#### Texto 1

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem.

Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*. Adaptado.

#### Texto 2

Educar para o ócio significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro, um livro. Ensinar como pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa também se habituar às atividades domésticas e à produção autônoma de muitas coisas que até o momento comprávamos prontas. Ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. Inculcar a alegria. A pedagogia do ócio também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. Portanto, é preciso ensinar aos jovens não só como se virar nos meandros do trabalho, mas também pelos meandros dos vários possíveis lazeres. Significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e o voluntariado. Significa ensinar como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto a alienação derivada do trabalho. Há muito o que ensinar!

Domenico de Masi. *O ócio criativo*.

#### Texto 3

Analisar as diferenças entre a educação escolar indígena e a educação escolar convencional no Brasil foi o ponto de partida do trabalho feito pelos pesquisadores Aline Abbonizio, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e Elie Ghanem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). “Dois fatos me impressionaram especialmente na comunidade em que pesquisei, além do grande valor atribuído à escola como fator de fortalecimento da língua e da cultura daquele povo, a acentuada integração entre as atividades escolares e as práticas comunitárias. Não há tempos rígidos, não há horários fixos nem se seguem disciplinas escolares. As atividades da escola obedecem a um ritmo sereno e envolvem tarefas de manutenção dos costumes, incluem tanto a roça quanto o artesanato ou a coleta de produtos da mata”, relata Ghanem.

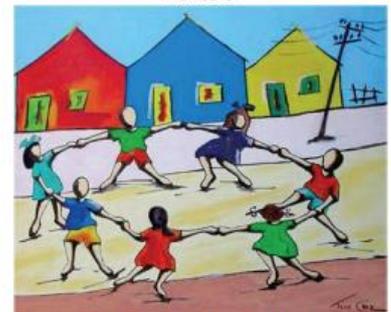
<https://www4.fe.usp.br/pesquisa-da-feusp-analisa-diferencas-entre-educacao-indigena-e-convencional>. Adaptado.

#### Texto 4



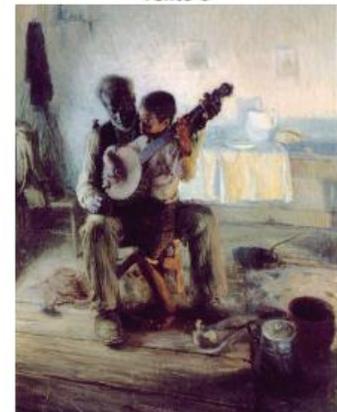
Momentos de ócio, 1901. Irving Ramsey Wiles.

#### Texto 5



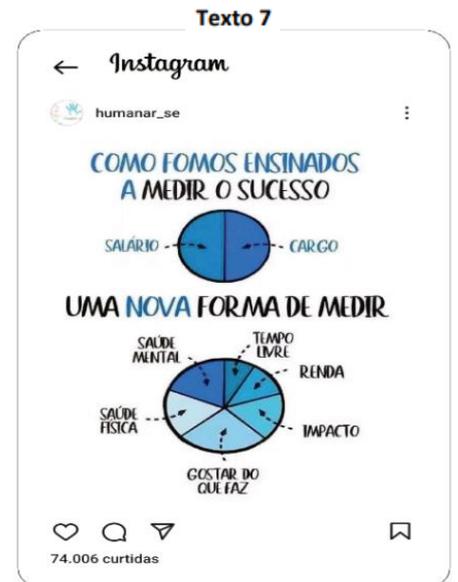
Ciranda II, 2018. Ivan Cruz.

#### Texto 6



The Banjo Lesson, 1893. Henry Ossawa Tanner.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão.**



## Abordagem Adotada pela Banca Avaliadora da Redação

Por entender que a educação sempre é tema muito relevante e que há a necessidade de, constantemente, ser discutido sob diversas perspectivas, a FUVEST, neste concurso vestibular de 2024, apoiando-se em uma coletânea de sete textos associada ao recorte temático, proporcionou uma reflexão dos candidatos a respeito do assunto.

No âmbito da proposta temática, tivemos os seguintes elementos-chave, que deveriam ser desenvolvidos nas redações: educação, ócio e multitarefa.

A respeito da educação, esperou-se que os candidatos abordassem esse tópico sob as perspectivas tanto da educação básica quanto da formação profissional, considerando suas experiências não simplesmente de forma subjetiva, mas com olhar crítico para a realidade.

A questão do ócio, por sua vez, poderia ser trabalhada no contexto da reflexão, sem se reduzir à ideia de tempo livre, mas abrangendo um tempo para o desenvolvimento das próprias potencialidades.

A multitarefa, característica inerente dessa geração, poderia ser compreendida como uma necessidade imposta pelo contexto sócio-histórico atual e também como um fator limitante do processo de aprendizagem em sua plenitude.

Foi avaliado também como os candidatos se apropriam das imagens que compõem a coletânea. Os quadros remetem a momentos de reflexão, de desenvolvimento de habilidades propiciadas por atividades lúdicas e de ensino/aprendizagem. Já a postagem de rede social faz uma crítica a demandas profissionais que influenciam tanto as políticas educacionais quanto a sensação de realização pessoal e profissional.

Foi valorizado o candidato que se mostrou apto a estabelecer as relações entre os elementos-chave, colocando-se como sujeito crítico diante da temática posta. Assim, a banca avaliadora, cuidadosamente, considerou em que medida essas relações foram estabelecidas para atribuir, de acordo com o manual do candidato, as notas para cada prova de redação.

50/50 (Medicina – Pinheiros)

**A devoção à multitarefa e a demonização da reflexão**

No poema "Cota Zero" de "Alguma Poesia", o escritor Carlos Drummond de Andrade expressa um sentimento de impasse diante do dinamismo e da alta velocidade da modernidade, aspectos da sociedade idolatrados pelos integrantes do Futurismo, mas criticados pelo autor brasileiro. Embora essa obra literária tenha sido produzida no contexto do início do século XX e publicada em 1930, a sensação de imobilidade diante da aceleração social descrita pelo poeta se encaixa na contemporaneidade, considerando que a rapidez e o produtivismo exigidos pelo dogma da configuração capitalista atual determinam o ensino e a forma que os jovens se relacionam com o mundo do trabalho, levando à demonização do ócio e da formação do pensamento crítico. Desse modo, percebe-se que a educação básica e a formação profissional priorizam a multitarefa em detrimento da capacidade de reflexão dos indivíduos, por causa da alta demanda de produtividade no contexto do capitalismo e em razão da necessidade de alienação para a manutenção do poder pelos grupos hegemônicos.

A princípio, a multitarefa é privilegiada no ensino e na formação profissional dos jovens, porque contribui para a satisfação da elevada produtividade exigida no corpo social contemporâneo. Isso ocorre pois, no neoliberalismo, o capital é visto como uma entidade divina e a busca desenfreada pelo lucro por grandes empresas edifica as relações de trabalho, visto que o acúmulo de capital na sociedade, garantido pela exploração dos trabalhadores, permite que a camada dominante tenha poder político e, dessa maneira, consiga dominar e controlar a população. Nesse sentido, ensinar aos jovens os valores liberais e a ter a habilidade de realizar diversas ações simultaneamente, isto é, de serem indivíduos capazes de multitarefa, por exemplo, é essencial para atender às necessidades estabelecidas pela alta velocidade e pelo culto ao produtivismo que possibilitam a perpetuação do capitalismo e a lucratividade das corporações, dado que essas pessoas já estarão convencidas de que o dinheiro é a sua salvação no momento em que chegarem ao mercado de trabalho. Logo, a devoção ao lucro dentro do contexto neoliberal que promove a procura por produtividade pelos indivíduos determina a formação de jovens voltados à multitarefa na educação básica e no mundo profissional.

Além disso, a reflexão é desvalorizada no ensino dos indivíduos, uma vez que ajuda em mantê-los alienados, algo que é vital para a permanência da camada dominante no poder. O desenvolvimento da multitarefa nos jovens ao longo da educação básica é usado como um instrumento político que impossibilita a formação de um senso crítico, visto que há um retrocesso a um estado animal de concentração rasa, em razão da falta de momentos de ócio criativo como o aprendizado de um instrumento ou divertimentos com colegas, o que asseguraria a formação de sua autonomia, garantindo, então, a apassivação dos indivíduos e sua alienação, impedindo a resistência à ordem e ao poder das classes hegemônicas. A educação indígena, por sua vez, promove a valorização da cultura, a introspecção e a integração das atividades escolares às práticas comunitárias, o que simboliza um pecado dentro da lógica do dinamismo que garante o poderio das classes dominantes hoje. Assim, a reflexão e o ócio não são incentivados na educação básica de todos e na formação profissional para manter os sujeitos sem pensamento crítico em relação à ordem e os dominantes da atualidade.

Em suma, conclui-se que a multitarefa é divinizada na contemporaneidade e privilegiada em comparação à capacidade de reflexão e de senso crítico na formação escolar e profissional dos jovens na atualidade. Sendo assim, a legitimação da fé ao capitalismo e à rapidez moderna, enunciada por Drummond em "Cota Zero", são elementos essenciais para a manutenção do domínio do grupo hegemônico.

## O microcósmo hiperprodutivo e cansado

No livro “Sociedade do cansaço”, escrito pelo sociólogo Byung-Chul Han, é analisada a migração da sociedade disciplinar do filósofo Foucault para a sociedade hiperprodutiva atual, marcando, assim, suas semelhanças e diferenças. Em um olhar mais amplo, é possível afirmar como essa mudança – realizada pela mão invisível do capitalismo – alcançou inúmeras instâncias, chegando ao **microcósmo** das relações sociais: o meio estudantil. Tal transformação, nesse ambiente, possibilitou que as regras que lá vigoram alterassem o ócio criativo em um ócio produtivo, a fim de criar engrenagens para o sistema capitalista. Dessa forma, a educação básica **na** sociedade contemporânea **permeia** entre a valorização da hiperprodutividade através da multitarefa e a abolição da reflexão para perpetuar o sistema vigente.

Em primeira análise, a multitarefa no ensino apareceu como uma forma de mérito e fundada pela autoexploração. Para o filósofo Foucault, a disciplina vivida na sociedade passada era fruto de um sistema de coerções **externa** ao ser. Ainda que as escolas vivam **sobre** tal ótica, já que há a presença de regras de conduta e de um superior, como professor, atualmente vê-se **emegir** inúmeros métodos, como educação montessoriana. Nesse tipo de ensino, o aluno é obrigado desde a infância a lidar com sua independência, permitindo que **ela** conviva com objetos de seu tamanho e lide sozinha com os múltiplos afazeres, por exemplo, aprender a servir seu prato e limpar seus pertences. Acima da ótica psicológica que visa incentivar a **responsabilidade**, há, aqui, a fundação da autoexploração. Byung-Chul Han discute esse conceito como sendo a ferramenta essencial da sociedade do cansaço e da vida capitalista, já que essa cobrança interna incentiva a multitarefa a fim de valorizar a multi-produção. Assim, esses novos métodos de ensino fazem-se **consoante** à lógica da produtividade, levando a multitarefa a um patamar valorizado e criado pela autoexploração, firmando o motor do capitalismo.

Ademais, os momentos de reflexão que existiam em brincadeiras lúdicas perderam espaço para produtividade. Frases do senso comum como “estude enquanto eles dormem” refletem tal transição. Isso **porque**, a sociedade do cansaço extingue da **sua** vida o lazer, fazendo com que cada minuto seja voltado **à** produzir. Não é **a** toa que ela recebe tal designação: cansada. Ao abolir o ócio criativo nas escolas, que tinham como finalidade a reflexão e o contato humano, trocando, por exemplo, brincadeiras como “ciranda” por aulas digitais, é fato que síndromes como Burnout **comece** a aumentar dentro dos **portões/padrões (?)** de ensino. Dessa maneira, ao impedir evidências em grupo e bloquear os receptores reflexivos, **cria-se** máquinas perfeitas para o capitalismo, já que há a desconexão com a realidade e a valorização da produtividade acima de tudo.

Em suma, a tirania obsoleta do capitalismo levou à formação da sociedade do cansaço, afetando **microcósmo** estudantil. Assim, nesse ambiente, lidera a multitarefa valorizada como filha da autoexploração e a abolição do ócio criativo, tornando tudo subordinado à máquina do capital.

### MOMENTO REPERTÓRIO: SUGESTÃO PARA APROFUNDAMENTO DA ANÁLISE E DA REFLEXÃO DO TEMA DA SEMANA

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. Epígrafe. 1995.

Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado uma brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis. (...)

Já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos. (...)

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. 1995, p. 15-26; 101.

### ORIENTAÇÕES DE ESTUDO

- Esta redação deve ser submetida no P+ Redação até 06/03, às 07h30
- Escreva o texto à mão e utilize caneta azul ou preta.
- Instruções padrão Fuvest: “Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível, e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação”.

## PROPOSTA

### Texto 1

A antiga patologia do pensamento dava uma vida independente aos mitos e aos deuses que criava. A patologia moderna do espírito está na “hipersimplificação” que a torna cega perante a complexidade do real. A patologia da ideia está no idealismo, onde a ideia oculta a realidade que se encarrega de traduzir e se considera como a única real. A doença da teoria está no doutrinarmismo e no dogmatismo, que fecham a teoria sobre ela própria e a petrificam. A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe nem que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade se encarrega de dialogar com o irracionalizável.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 1990, p. 22-23.

### Texto 2

Weber viu a modernização como um processo de racionalização que afeta a vida econômica, jurídica, administrativa e religiosa, eliminando ideias tradicionais e práticas costumeiras em favor do critério de racionalidade formal. Esse processo subjaz a emergência do capitalismo, da burocracia e do Estado legal. A essência do processo de racionalização é o aumento progressivo da tendência de uso do conhecimento por atores sociais, no contexto de relações impessoais, com o objetivo de atingir maior controle sobre o mundo a sua volta. No entanto, ao invés de aumentar a liberdade e a autonomia, a racionalização privilegia os fins e não os meios (aderência escrava a regras na burocracia moderna é um óbvio exemplo), e aprisiona o indivíduo na “jaula de ferro” das racionalizadas instituições, organizações e atividades.

- "Racionalização", em Oxford Dictionaries (2014).

### Texto 3

Eu acredito que esteja próximo o momento em que, por um processo de caráter paranóico e ativo do pensamento, será possível (simultaneamente ao automatismo\* e outros estados passivos) sistematizar a confusão e contribuir para o descrédito total do mundo da realidade.

Salvador Dalí, 1930, p. 184.

\**Automatismo psíquico: conjunto de processos mentais que se desenvolvem sem a atenção consciente.*

### Texto 4

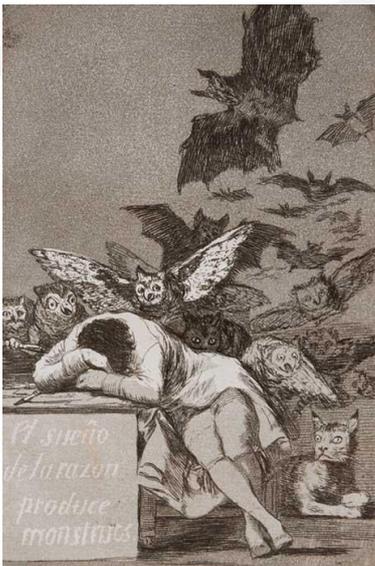
O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. (...)

Felizes eram os tempos em que havia formas evidentes de mal. Hoje não sabemos mais quais são elas e onde estão. Tudo se torna claro quando alguém perde a memória e a capacidade de ver e sentir. Eis aqui uma lista de nossos novos bloqueios mentais. Ela inclui nosso esquecimento deliberado do Outro, a recusa proposital em reconhecer e admitir um ser humano de outro tipo, ao mesmo tempo em que descartamos alguém vivo, real, e que está fazendo e dizendo alguma coisa bem ao nosso lado – tudo em nome de fabricar um “amigo” no Facebook distinto de você e que talvez viva em outra realidade semiótica. (...)

Como o mundo pareceria seguro, confortável, aconchegante e cordial se fossem os monstros, e apenas eles, os responsáveis pelos feitos monstruosos. (...) Infelizmente, cavalheiros e damas norte-americanos bons, comuns e amáveis não eram monstros nem pervertidos.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKINS, Leonidas; tradução Carlos Alberto Medeiros. Cegueira moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. São Paulo: Editora Zahar. 2016, p. 16-32.

### Texto 7



GOYA, Francisco de. 1799. Los Caprichos nº43 - El sueño de la razón produce monstruos (Tradução livre: “O sonho da Razão produz monstros”). Espanha.

### Texto 8



PICASSO, Pablo. Guernica. Óleo sobre tela. 1937. Espanha.

Texto 9



YAZIGI, Fadi. 2014. Tinta sobre saco de farinha. Síria.

Texto 10



HASSANI, Shamsia. 2023. Grafite sobre parede. Afeganistão.

Considerando as ideias contidas nos textos, bem como referências, fatos e outras informações que eles suscitem, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema: **A cegueira moral no mundo contemporâneo: entre a simplificação do real e a ilusão da racionalidade.**